



Academos

Revista Eletrônica da FIA
Vol. III N. 3 Jul - Dez / 2007
ISSN 1809-3604

O HOMEM E A CIDADE

Silvia Daffermer*

RESUMO: O objetivo deste artigo é tecer algumas considerações a respeito das configurações dos gêneros literários, particularmente, da forma romanesca, relacionando-a à crise da representação, ao fluxo de consciência das narrativas, a partir do Modernismo; considerando o contexto histórico-social em que surgem as obras.

Palavras-Chave: romance moderno; crise da representação; fluxo de consciência.

ABSTRACT: The objective of this article is to weave some considerations regarding the configurations of the literary goods, particularly, in the romantic way, relating it to the crisis of the representation, to the flow of conscience of the narratives, starting from the Modernism; considering the historical-social context in that the works appear.

Key-Words: modern romance; crisis of the representation; flow of conscience.

Atualmente, muito se fala sobre a preservação da vida em nosso planeta, sobre a poluição do ar, das águas, de devastação de florestas, da extinção de espécies, incluindo-se também a do homem. Muitas *Organizações Não Governamentais* e alguns governos mais responsáveis procuram soluções para sanar, ou minimizar os danos causados pelo progresso. Busca-se um meio de reverter uma situação que já se torna insustentável. No entanto, as artes e, particularmente, a literatura vêm denunciando, há muito tempo, o problema que o homem enfrenta em sua relação com a cidade. Alguns críticos e pensadores

*Professora da área de Letras da FIA, Faculdade Interação Americana.

observam e tentam compreender melhor essa relação, analisando textos de diversas épocas.

A oposição campo e cidade, segundo Raymond Williams¹, é algo que se estabeleceu desde a Antigüidade; dentre os aspectos positivos, o campo está associado à paz, à simplicidade da vida; a cidade, por sua vez, carrega a idéia de local de realizações e de progresso, no entanto, do ponto de vista negativo, o campo denota a imagem de atraso, ignorância e limitação ao passo que a cidade é vista como um lugar de agitação, barulho e marcada pela superficialidade de vida. Observações, feitas em 1831 por Carlyle², a respeito de Londres já mostram muito bem esse isolamento.

As pessoas que se estabelecem nas cidades, em cubículos, formam um “imenso aglomerado de pequenos sistemas, cada um dos quais, por sua vez, é uma pequena anarquia, cujos membros não *trabalham* juntos, e sim *engalfinham-se*”.³

Esse comportamento das pessoas na cidade despertou a atenção e alguns escritores rotularam essa atitude de antiurbanismo romântico, um processo que tem como conseqüência a atomização social, daí Engels ter escrito, em *A situação da classe operária na Inglaterra em 1844*, que

[...] não ocorre a ninguém dirigir sequer um olhar ao outro como forma de consideração. A indiferença brutal, o isolamento insensível de cada um em seu interesse pessoal, torna-se mais repelente e ofensiva quanto mais esses indivíduos são amontoados dentro de um espaço limitado. E, por mais que se tenha consciência de que este isolamento do indivíduo, este egoísmo estreito, é o princípio fundamental de nossa sociedade em toda parte, em nenhum lugar ele exhibe de modo tão desavergonhado, tão consciente, quanto aqui, na multidão da cidade grande. A dissolução da humanidade em mônadas, cada uma das quais com seu princípio separado, o mundo de átomos, é levado aqui a suas últimas conseqüências.⁴

Da mesma forma que Hardy escreve, em 1887, que “cada indivíduo tem consciência *de si próprio*, mas ninguém é consciente da coletividade como um todo, fora talvez, um ou outro basbaque que olha a seu redor, boquiaberto, com ar um tanto parvo”⁵, o que é um paradoxo, porque, na cidade grande, espera-se que os indivíduos ajam coletivamente, impulsionados pela proximidade com seus semelhantes, mas é exatamente o inverso disso que ocorre, o homem está só em

¹ Professor nas Universidades de Oxford e Cambridge (1921-1988).

² apud R. WILLIAMS, *O campo e a cidade*.1990, p.291 “Como os homens são apressados aqui; como são caçados, perseguidos de modo terrível, impelidos a andar a toda velocidade! Assim, por uma questão de autodefesa, eles não podem parar para olhar uns para os outros!”.

³ Ibidem, p.292.

⁴ Ibidem, p. 292.

⁵ Ibidem, p. 291.

meio à multidão. É certo que essas observações sobre a população londrina dos séculos XVIII e XIX revelam uma postura que marcou o antiurbanismo romântico, mas, ao mesmo tempo, nota-se que essa situação do aglomerado urbano não se resolve, mesmo sendo uma ameaça à estabilidade dos grandes centros, essa população de excluídos é um mal necessário à manutenção dos privilégios das classes mais abastadas, porque a mão-de-obra desclassificada não requer o investimento de grandes somas em seus salários.

As observações anteriores que já vinham se delineando ao longo do tempo mostram uma visão bastante crítica da cidade e do homem que transita por esses espaços urbanos, o ponto de vista desses autores encaminhou-se para uma reflexão mais aprofundada sobre o relacionamento humano e também sobre as crises que o homem enfrenta em um ambiente competitivo e marcado pela solidão e pela postura individualista que as pessoas assumem no espaço das cidades grandes.

Raymond Williams analisa os problemas de Londres com a industrialização, ou seja, os efeitos de uma economia em transformação que traz para os centros urbanos os excluídos, os pobres e os vagabundos, entre eles, algumas pessoas ambiciosas que buscam o enriquecimento. Momento da passagem do feudalismo para uma aristocracia rural e, posteriormente, para o surgimento de uma burguesia rural, até chegar à atualidade. A cidade necessita de uma mão-de-obra para sustentar uma infra-estrutura complexa formada, em parte, por pessoas sem qualificação que, ao serem expulsas do campo, migram para os centros urbanos na esperança de aí se estabelecerem confortavelmente. Comparando o processo de industrialização de Londres e outras cidades inglesas, observa-se que a situação de crise dos homens que habitam esses grandes centros é muito semelhante à dos indivíduos hoje habitantes de várias cidades dos países em desenvolvimento.

Assim, observa-se como a formação das cidades está intimamente ligada ao comportamento humano da população de excluídos que migrou para os grandes centros, em busca de sustento. Na Europa, durante séculos, esse comportamento do homem da *urbe* incomodou toda sorte de observadores e, quando os estudos literários são colocados em questão, percebe-se uma estreita ligação entre as transformações dos gêneros e do comportamento do homem na cidade.

Comprovando a afirmação de Lukács⁶ de que o romance está vinculado ao modo de vida burguês, à expansão das cidades e à alienação que passam a marcar as ações humanas, sujeitas às leis de mercado, da relação da forma romanesca como ressonância fundamental da existência. Muitas obras da literatura brasileira trazem um ambiente urbano marcado pelas particularidades apontadas nesses estudos, e acham-se ligadas a novos procedimentos artísticos.

No Brasil, segundo Sérgio Buarque de Holanda⁷, era hábito dos fazendeiros, desde a época da colonização, morar em suas fazendas e locomoverem-se até às cidades apenas em época de festas. Ficavam no ambiente urbano apenas os trabalhadores, como mecânicos, comerciantes e funcionários ligados aos órgãos públicos. A cidade exibia muitas casas que permaneciam fechadas porque a aristocracia rural preferiu o isolamento dos engenhos. A Abolição, em 1888, marca o fim desse predomínio agrário, é “o momento talvez mais decisivo de todo o nosso desenvolvimento nacional”⁸, estava preparado o terreno para um novo sistema, com seu centro de gravidade já não nos domínios rurais, mas nos centros urbanos.

A Abolição e o preço do açúcar no mercado mundial dão início ao desaparecimento dos engenhos, reforçam esta decadência; como se pode observar na obra *Fogo morto*⁹, apenas o Engenho Santa Rosa sobrevive, o Santa Fé, de Lula de Holanda, decaiu, porque os escravos que não encontram as condições mínimas de trabalho abandonam os coronéis à própria sorte, nesse contexto conflitante, os engenhos que continuam produzindo são aqueles que conseguiram preservar um mínimo de mão-de-obra e modernizaram-se, transformaram-se em usinas modernas aos moldes das indústrias urbanas.

As primeiras iniciativas no setor da indústria, comparada à dos países centrais, é acanhada, pois desde o período do Brasil Colônia, a metrópole não permitia que aqui se desenvolvesse uma atividade industrial que viesse a competir com Portugal ou ainda com os produtos ingleses, devido a acordos comerciais. Somente durante o Segundo Império, há algumas manifestações na área industrial, como exemplo tem-se a crônica de Alencar, “Fábrica de coser de Mme. Besse”, em

⁶ George LUKÁCS, *A teoria do romance*, 2000.

⁷ Sérgio Buarque de HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 1975, pp.58-60.

⁸ Idem, 1975, p.127.

⁹ José Lins do REGO. 1976.

que o autor afirma que “Mme. Besse possui atualmente em sua fábrica seis máquinas e tem ainda na alfândega doze”¹⁰.

No século XIX e XX, muitas cidades brasileiras apresentam a mesma problemática da capital inglesa. Imóveis sem infra-estrutura e superlotados para acomodar essa população que migrava para a cidade, em busca de trabalho ou de uma oportunidade qualquer que lhe garantisse a sobrevivência. Em regiões metropolitanas, os meios empregados na sobrevivência são os mais variados, e essa gente *desclassificada* se acomoda mal em habitações precárias, construídas nos arredores da cidade, edificações que formavam labirintos e becos propícios à marginalidade, porque funcionam como esconderijos, o que acontece atualmente com as favelas nos grandes centros brasileiros.

Na segunda metade do século XIX, tem início o crescimento das cidades e o surgimento de novas camadas sociais, independentes da sociedade agrária, são os operários de uma incipiente industrialização, comerciantes, funcionários públicos que representam a burocracia ligada ao Estado, e ainda alguns artesãos, como a Mme. Besse da crônica de Alencar. Todos esses formavam uma pequena burguesia dos centros urbanos que passou a concorrer em muitos setores com os filhos da aristocracia do café. **O cortiço**, de Aluísio Azevedo, é um exemplo da degradação dos trabalhadores do Rio de Janeiro, da exploração que sofriam em todos os níveis, a obra traz as condições precárias em que vivem os trabalhadores da cidade, durante o Segundo Império.

No Brasil, desde a colonização, a ocupação do solo voltada à produção mercantil dá origem a uma população de “homens livres e expropriados”¹¹, porque o trabalho nestas grandes plantações é realizado por escravos. Assim esses homens livres, “a rigor dispensáveis, desvinculados dos processos essenciais à sociedade”¹² formam uma “ralé” que não se proletariza. A caracterização dessa parcela seminômade é, no contexto da região nordeste, o que define a situação do mestre José Amaro, de *Fogo morto*¹³, morador das terras do engenho Santa Fé de Lula de Holanda Chacon. Os grandes fazendeiros não pagam impostos ao Estado. Dessa

¹⁰ José de ALENCAR. *Ao correr da pena*, p.48. Crônica publicada nos Folhetins do *Correio Mercantil*, no Rio de Janeiro, em 3 de dezembro de 1854.

¹¹ Maria Sylvania de Carvalho FRANCO. *Homens livres na ordem escravocrata*. 1997, p.14.

¹² *Ibidem*, p.14.

¹³ José Lins do REGO, *Fogo morto*. 1976.

forma, a administração pública não tem condições de estender as benfeitorias a toda a população, vale lembrar o desejo de Vitorino Carneiro da Cunha de ver o coronel José Paulino, do engenho Santa Rosa, pagar os impostos. Há, no cenário brasileiro, uma debilidade material do poder público, os aparelhos governamentais são tratados pelos coronéis como propriedade privada. Outra personagem da literatura representativa desse nomadismo são os caipiras, cristalizados na figura do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato.

Observa-se, assim, que o Brasil do Segundo Império conserva uma estrutura escravista e de monocultura, ou seja, a estrutura socioeconômica do país continua colonialista até o período da República. Dentro deste padrão de economia agrária e exportadora só é viável o latifúndio, conseqüentemente é a aristocracia rural que vai se manter no poder de forma violenta desde o período imperial. Liberais e conservadores alternam-se no poder, mas a diferença permanece apenas no nome, pois os objetivos desses partidos são os mesmos: o privilégio dos latifundiários da cafeicultura.

É esta sociedade, baseada no privilégio, que prevalece no Brasil até mesmo no período republicano. Na década de 20, com a expansão industrial e o crescimento urbano, há o surgimento de outras camadas sociais: uma burguesia industrial ligada à agricultura cafeeira, um operariado urbano que vive em situação de miséria e penúria e ainda um grupo heterogêneo formado por lojistas, funcionários públicos, professores, funcionários de empresas, intelectuais, jornalistas e profissionais liberais que compõem as camadas médias da sociedade. No entanto, o poder político continua alternando-se entre Minas Gerais e São Paulo, a conhecida República do café-com-leite, que, por monopolizar o poder central, gera uma série de conflitos, mostrando que os mecanismos da República Velha estavam ultrapassados diante de uma nova realidade urbana e industrial brasileira. Neste período, há uma nova legislação trabalhista e social que melhora as condições dos trabalhadores, porém a verdadeira intenção era aumentar o controle sobre os operários e evitar as greves, afastando os trabalhadores italianos do controle dos sindicatos, porque esses imigrantes chegam aqui muito politizados e com idéias inovadoras para o cenário urbano brasileiro.

Por esse rápido panorama, pode-se perceber que as mudanças na estrutura socioeconômica do Brasil são quase imperceptíveis, passa-se do Império dos

fazendeiros para República dos fazendeiros. As oligarquias dominam o poder político e econômico durante muito tempo, ignorando as necessidades dos menos favorecidos, primeiramente as necessidades dos escravos e depois as dos trabalhadores, e também desprezando as modificações inevitáveis que vêm ocorrendo lentamente nas cidades, particularmente nas cidades do sudeste brasileiro, impulsionadas pela riqueza produzida pela agricultura cafeeira.

O aspecto de decadência dessa periferia desumanizada que se formou ao redor das cidades brasileiras, o homem fragilizado em sua existência vazia e angustiada surge, na literatura, através de narrativas que reproduzem o fluxo de consciência, a poesia absorve as tendências das artes de vanguarda da Europa, modificando profundamente os gêneros.

Essa parcela da população que tem o nomadismo incorporado ao seu modo de vida fixa-se nos subúrbios das cidades, compondo a massa de trabalhadores, desocupados e vagabundos que os bairros mais pobres acomodam. Nota-se que há uma semelhança no processo de urbanização, pois esses centros urbanos acolhem esses migrantes e, no caso inglês, a partir do momento em que há a industrialização a cidade absorve essa parcela da população que foi arrancada de seus vilarejos; no contexto nacional, os camponeses são destituídos de suas terras por latifundiários poderosos e também pela adversidade do clima, porque no nordeste brasileiro, a tragédia inevitável das secas determina o destino de muitas famílias que migram para as grandes cidades do sul do país ou para as capitais de seus estados, em busca de sustento, ou seja, de uma sobrevivência que é conseguida a partir do momento que esses retirantes se instalam nas periferias desses centros e se sujeitam a subempregos e, conseqüentemente, são explorados pela elite urbana. As obras que trazem este cenário de calamidade são conhecidas: **Vidas secas**, com Fabiano, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia erram pelo sertão em busca de sobrevivência. Em **O Quinze**, Chico Bento tem “um súbito desejo de emigrar, de fugir, de fugir, de viver numa terra melhor, onde a vida fosse mais fácil e os desejos não custassem sangue”, **São Bernardo** é o drama do sertanejo enriquecido que tem uma vida dominada pelo desejo de posse e por sua própria ação destrói tudo a sua volta.

Buscando uma compreensão maior da complexidade da narrativa do final do século XIX e do início do século XX, os críticos verificam a relação da estrutura das

idades e dessa camada marginalizada na produção de obras que apresentam uma estrutura narrativa bastante diferenciada do que se produziu até então, porque a vida nesse meio urbano vem se modificando, enquanto isso o homem passa a se sentir um ser solitário em meio à massa da população que povoa esse universo das grandes cidades. A narrativa que traz o fluxo de consciência é vista como resultado desse isolamento a que está sujeito o homem nos centros urbanos. Há um excesso de subjetividade, o homem se encontra isolado na multidão, não tem mais olhos para os outros, a única alternativa é voltar-se para si mesmo, porque tem apenas sua consciência como refúgio. Caminha sem notar seu semelhante e, quando percebe a presença desse outro, é com medo, rejeição, ou então com uma atitude de enfrentamento para disputar agressivamente os espaços, seja no campo afetivo, profissional ou outro qualquer.

Precisamente em 1934, Dionélio Machado escrevia **Os ratos**; a obra tem como personagem principal Naziazeno, um indivíduo que sofre as agruras do homem alienado em uma sociedade capitalista. Seu sofrimento está centrado nas condições miseráveis em que vive e a cena final do livro traz a agonia por que passa a personagem ao ouvir de seu quarto o barulho dos ratos, possivelmente na cozinha, e o protagonista é consumido pela dúvida de saber se os bichos estariam, ou não, destruindo o dinheiro arranjado, a duras penas, para o pagamento da conta do leiteiro.

O relacionamento humano nas cidades traz as marcas do capitalismo, reificando a aproximação das pessoas, fetichizando as relações, marcando essas aproximações pelo interesse egoísta do lucro. Para Raymond Williams, a estrutura de sentimento das memórias é, portanto, significativa e indispensável enquanto reação a esta deformação social específica¹⁴.

O fechamento da narrativa na memória, ou nos sentimentos mais íntimos da personagem, configurado pelo fluxo de consciência, são procedimentos observados desde as obras de Dostoievski e Tolstoi, posteriormente, Proust, com **A la recherche du temps perdu**, junta os resíduos de suas memórias em uma narrativa incomum, J.Joyce, em **Ulisses**, escreve a epopéia de um dia na vida de Leopold Bloom, um homem arrasado, totalmente diverso do herói criado por Homero.

¹⁴ Idem, p.399.

Na literatura brasileira, a partir do Modernismo, surgem obras que trazem a marca da *crise da representação*, as narrativas já não trazem a linearidade do realismo que se impôs durante quatro séculos. O fluxo de consciência traz consigo o peso da crise da existência humana, pois, em um mundo de caos, de destruição, da barbárie das duas grandes guerras, a única saída do homem é o fechamento em si mesmo. É a tentativa angustiada de preservação da vida, de compreensão de sua própria complexidade. Como exemplos desse procedimento, tem-se **Angústia** de Graciliano Ramos, as obras de Clarice Lispector, de Guimarães Rosa, narrativas marcadas pelo estranhamento, pela provocação que pede ao leitor uma dedicação maior. As desestabilizações na construção vão desembocar nas obras contemporâneas como **Trouxa frouxa**, de Vilma Áreas, **Eles eram muito cavalos**, de Luiz Rufatto, **Curva de rio sujo**, de Joca R. Terron, as **100 histórias colhidas na rua**, de Fernando Bonassi, o **Fluxo silencioso das máquinas**, de Bruno Zeni e outros. Esses autores contemporâneos desestabilizam ainda mais o leitor, através de uma linguagem fragmentada, em sua maioria, trazem um ambiente urbano degradado e violento em que o homem e a vida se perdem na incomunicabilidade em meio à cidade grande.